

CONTRIBUIÇÃO PARA AS MEMÓRIAS ACADÊMICAS

O XI de Agosto e o Retorno da Associação dos Antigos Alunos

A Redação

Celebrou-se, nesta Faculdade, em sessão solene da Congregação realizada a 11 de agosto do corrente ano e presidida pelo Senhor Diretor da Faculdade, Professor Doutor Antônio Chaves, o 154.º aniversário da Criação dos Cursos Jurídicos no Brasil. Na mesma cerimônia que se realizou no salão nobre às 10,30 horas, após a missa de Ação de Graças celebrada no pátio, com a presença de Professores, alunos, ex-alunos e membros de entidades jurídicas, comemorou-se, também, o retorno para a Academia da Associação dos Antigos Alunos.

Sobre a data, falou em nome da Congregação o Professor Dr. Geraldo de Camargo Vidigal, o soldado n.º 4396 do 6.º Regimento, como se autodenomina, orgulhosamente, em toda oração, e que lutou na Itália em 1944. Transvasa no discurso e nos versos que compôs para a ocasião o renovado e incontido amor que desde a infância devota à Academia, imbuído sempre do espírito de luta pela democracia e liberdade.

Após o discurso do Professor Vidigal, o presidente da Associação dos Antigos Alunos, Dr. Trajano Puppo Neto, em breves palavras agradeceu à Diretoria e à Congregação dos Professores a sala que foi destinada à Associação.

Falou em seguida, em nome do corpo discente, o aluno Mário Antônio Menucci, presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto, que, mantendo a tradição, se referiu ao momento político brasileiro e conclamou a todos para erguer, bem no alto, a bandeira da democracia e da liberdade.

Finalmente, o Acadêmico Pedro de Oliveira Ribeiro Neto declamou o já clássico poema sobre as Arcadas, de sua autoria, *Canto de Glória da Faculdade de Direito de São Paulo*.

Como se fosse ouvido pela primeira vez, tal a veemência artística do declamador, o *Canto de Glória* comoveu a platéia inteira que se uniu na mesma emoção. Foi ainda visivelmente impressionado que o Senhor Diretor, para encerrar a sessão,

referiu-se à data e à Associação dos Antigos Alunos; agradeceu os participantes da festa e a presença de todos, convidando-os para inaugurar a nova sede da Associação dos Antigos Alunos, logo a seguir, o que se deu em ambiente de alegre confraternização.

Publicam-se a seguir o discurso do Professor Dr. Geraldo de Camargo Vidigal, o *Canto de Glória da Faculdade de Direito* e breve notícia sobre a sede atual da Associação dos Antigos Alunos.

Geraldo de Camargo Vidigal fala em nome da Congregação

Desde 1827, ano a ano, década a década, estudantes de Direito, professores, advogados, magistrados, estadistas evocam e celebram o 11 de Agosto, data que marcou a instalação dos cursos de Direito no Brasil.

Neste ano de 1981, cabe-me a honra de officiar as cerimônias comemorativas da efeméride.

Mais de um século e meio de celebrações da significação de São Francisco e de Olinda podem fazer parecer pretenciosas tentativas minhas de acrescentar alguma coisa ao muito que tem sido dito.

Pareceu-me preferível, por isso, trazer à colação a vivência de um determinado dia 11 de Agosto, especialíssimo para mim e que recebeu comemoração particular.

37 anos atrás, no dia 11 de Agosto, alguém redigia, nos arrabaldes da cidade italiana de Caserta, um manifesto dirigido às Arcadas. O redator era o soldado 4396, do 6.º Regimento de Infantaria.

Escrito em intervalos de um curso intensivo sobre minas e armadilhas explosivas, o manifesto revelava as emoções e a determinação de quem recebera a honrosa missão de lutar pelo Brasil, no teatro de guerra da Itália, como punição a crimes de amor à Liberdade, da crença no Direito, de dedicação a seu país.

Recebido semanas depois em São Francisco, publicado em numerosos jornais brasileiros, o manifesto teve mais tarde sua divulgação terminantemente proibida pelo DIP — o Departamento de Imprensa e Propaganda, do Estado Novo getulista.

“Da vanguarda das forças brasileiras que lutam pela Democracia — dizia o manifesto — envio minha mensagem de confiança ao grande baluarte da retaguarda democrata brasileira.

A todos os companheiros de ideais e de ação dirijo meu fraternal abraço.

Nesta data, que é a nossa, sinto como nunca a distância que me separa das Arcadas. Meu conforto é a consciência de que combato, mais intensamente do que nunca, pela mística a que dediquei minha mocidade.

Colegas: os brasileiros que se sacrificam e se enobrecem na campanha da Itália lutarão cheios de fé, na certeza de que seu esforço não será vão. O sangue dos que tombarem será a centelha da chama que há de purificar o Brasil.

Que nosso lema, nossa palavra de ordem e nosso brado sejam sempre: — DEMOCRACIA!"

A disposição de luta, a inspiração da Liberdade e o sentimento nacional se combinavam, no espírito das frases com que eu me dirigia, a 11 de Agosto de 1944, aos meus companheiros do Centro XI, então empenhados em destemidas ações de "underground" que visavam ao renascimento da Democracia no Brasil. Era o espírito da Faculdade de Direito, o espírito das Arcadas — reafirmando na dicção e na saudade de um aluno distante.

Recebera a Academia o sentimento nacional desde os projetos legislativos que, na década de 1820, resultaram em se criarem duas Faculdades de Direitos gêmeas, em São Paulo e em Olinda, para que a elas pudessem acorrer estudantes de todo o país. Como os debates parlamentares evidenciaram, a intenção que dominava os projetos era a de que nossos jovens estudiosos pudessem realizar-se nacionalmente, naquele momento em que as paixões da Independência do Brasil tornavam inviável o curso em Coimbra.

Essa marca original nunca esmaeceu. Em São Leopoldo ou Monte Alegre, em CASTRO ALVES ou VICENTE DE CARVALHO, em QUIRINO DOS SANTOS ou CAMPOS SALLES, em RUY BARBOSA ou AFONSO PENA em TEIXEIRA DE FREITAS ou JOÃO MENDES JÚNIOR, em ALMEIDA NOGUEIRA ou SPENCER VAMPRÉ, em WALDEMAR FERREIRA ou IBRAHIM NOBRE, em LAUDO DE CAMARGO ou NOÉ DE AZEVEDO, em AFRODÍSIO VIDIGAL ou em ALCIDES VIDIGAL — São Francisco é sempre um ponto de referência de amplas preocupações nacionais.

A dualidade das escolas de Direito, em Olinda e São Francisco, não gerou regionalismos que dividissem o país, mas, ao revés, serviu ao aprimoramento da consciência nacional, resultando na fraternal solidariedade que sempre uniu os acadêmicos de São Paulo aos de Pernambuco. Era freqüente, aliás, ao longo do século XIX, que estudantes destacados iniciassem seu

curso em uma das duas faculdades e em seguida se transferissem para a outra. Assim sucedeu com CASTRO ALVES, que chegou a São Paulo já aureolado do renome que fizera em Olinda. Assim ocorreu com RUY BARBOSA e JOÃO MENDES. Assim foi no caso de AFRODÍSIO VIDIGAL, o estudante sergipano que iniciou seus estudos em Olinda, para concluí-los em São Paulo, onde se radicou, estabeleceu sua brilhante advocacia e fundou sua família.

Brotando quando apenas se proclamara a Independência, floresceu São Francisco no clima de devoção à Liberdade que envolvia o país. Era o tempo em que se cantava, como se fosse uma prece:

Liberdade:

Abre as asas sobre nós!

O amor à Liberdade viçou em nossa Escola de Direito, ao longo de seus 150 anos de vida. Nas pugnas da Abolição e da República, na campanha civilista, na Revolução Constitucionalista, na Resistência ao Estado Novo, na denúncia dos mitos da Tecnocracia — os estudantes de Direito de São Paulo tiveram sempre à sua volta os ecos da grande voz de CASTRO ALVES, celebrando a

Liberdade peregrina,

Esposa do porvir, noiva do sol!;

reconheceram sempre, como OLIVEIRA RIBEIRO NETO anunciou, que o nome da velha Faculdade

É a melhor das rimas para Liberdade;

e alguns ouviram a Liberdade, mesma, proclamar, em versos que mais tarde escreveria o soldado 4396, do 6.º Regimento:

Distribuo aos oprimidos
Sol partido em pequeninos,
Rasgando azuis de Justiça
Em nuvens de escravidão;
E enquanto as bastilhas caem
Inscrevo, em lápides frias,
Epitáfios, para as tumbas
Dos tiranos que virão.

Em São Francisco, a poesia e o Direito andaram sempre de mãos dadas. É expressivo que os nomes de três grandes poetas do romantismo figurem na fachada de nossa escola — e não por exemplo os de TEIXEIRA DE FREITAS, LAFAYETTE, JOÃO MENDES JÚNIOR, PEDRO LESSA, WHITAKER.

E se morreram cedo demais CASTRO ALVES, AZEVEDO e VARELA, outros grandes poetas, como VICENTE DE CARVALHO e RAYMUNDO CORREA, acrescentaram a suas realizações líricas a vivência do Direito.

Do sentimento nacional e do amor à Liberdade se alimentou sempre, na Academia do Largo de São Francisco, a disposição de luta. Os Faróis Paulistanos, os Hinos a Palmares, os M.M.D.C., os 9 de novembro, as Folhas Dobradas — exprimiram sempre aquelas inspirações.

É bem certo que a Academia, ao instalar-se no coração do Território Bandeirante, herdava a audácia e a agressividade da Bandeira. Mas nos bandeirantes influíam somente um arremesso primitivo, quase selvagem, para a ação livre, e a intuição obscura de um caráter nacional ainda por definir-se. Na disposição de luta da Academia, ao revés, a nítida consciência da nacionalidade e a visualização precisa dos ideais libertários descreveram, ao longo de um século e meio, caminhos de ação coerentes.

Assinale-se, pois: a instalação da academia em Piratininga marca o divisor entre ondas de mera disposição inominada de luta e vetores de obstinada disposição de luta pelo Direito.

Antes de 11 de Agosto de 1827, os homens de São Paulo eram procurados, solicitados, recrutados — sempre que a presença de sua generosa disposição de luta se reclamava, a qualquer título. A partir de 11 de Agosto de 1827, a polarização dos Paulistas para os ideais da Liberdade e da Justiça transformou-os em combatentes que não poderiam ser aliciados para causas menores, porque voltados às grandes tarefas do Direito.

Nos 154 anos decorridos, as sucessivas gerações Acadêmicas acumularam, dia a dia, ano a ano, geração a geração, um admirável acervo de realizações sociais, fundadas sempre em sua crença no Direito, em seu amor à Liberdade, em sua dedicação ao Brasil.

Neste dia 11 de Agosto, permita-se ao soldado 4396, ao oficial, neste salão nobre, as cerimônias comemorativas da nossa data, encerrar sua oração com o seu

Soneto de São Francisco

— Academia, que eu menino
Amei, ao sol da fantasia;
Bandeira que agitei, sorrindo,
Na adolescência, em desafio:
Teu ritual, sob os teus hinos,

Nas cerimônias que officio,
 Inda me envolve em teu fascínio
 — Em ti me integro, Academia!
 Fulge a Justiça, no teu páteo,
 A Liberdade, nos teus cláustros,
 Em teus umbrais, a Poesia;
 E os jovens abrem teus caminhos,
 Reconstruindo, em borbórinho,
 A aurora em tuas arcarias.

Canto de glória da Faculdade de Direito de São Paulo

Oliveira Ribeiro Neto

Minha velha escola, como estás mudada,
 velha Faculdade outrora levantada
 pelas mãos dos frades, pelas mãos dos índios
 na manhã dourada de Piratininga.
 Quantas horas longas, quantas horas lentas
 sobre ti passaram, mansas, sonolentas
 pelos claustros onde claros franciscanos
 iam desfiando contas e orações.
 Velho casarão! Quantos corações
 entre as taipas toscas e os beirais tranqüilos
 viste que murcharam como murcham lírios,
 viste que morreram nos buritis sombrios,
 pelos cláustros brancos, pelos cláustros frios.
 Depois, numa tarde linda de noivado,
 sinos que batiam, sinos pelos ares.
 E a alegria chegou para viver contigo
 como se em alforge roto de mendigo
 uma cornucópia de ouro se entornasse.
 A alegria infrene dos teus estudantes
 transbordou nas ruas da aldeiola morta.
 Correu tua fama, foi de porta em porta
 do Brasil, chamando os moços que sonhavam
 sonhos de beleza, glória e liberdade.
 Dos arcos curvados das tuas arcadas
 o amor atirava flechas encantadas
 com filtros de fogo e cantos de poesia,
 e enchia de volúpia em transes de paixão
 o coração das lânguidas donzelas
 espiando à rótula das tímidas janelas,

bordando sedas ou tecendo rendas,
ou envoltas na sombra das mantilhas
indo rezar, tementes do demônio,
nas novenas do Carmo e Santo Antônio.

Junto à capa negra, plange um violão.

Passa o romantismo da terra paulista
à garoa fria ou ao luar de prata:

— o estudante e sua noiva, a serenata.

Alguém, que já não vive neste mundo,

— é Byron, — os acompanha passo a passo.

É ele que insinua à crença de Azevedo
e atrás compreensão a torturar de medo,
a dúvida que mata a lúcida manhã:

“Se eu morresse amanhã, viria ao menos
fechar meus olhos minha triste irmã”.

Ele é que sussurra na alma de Varela
o cântico sentido ao ver o filho morto
e guia a mão ao trêmulo poeta:

— “Oh tu que eras na vida a pomba predileta”

Fantasma que os seguiste em passos de mistério,
que morte que lhes deste e que imortalidade!

Quando a escravidão, nos corpos cor da noite
punha estrelas de sangue na vergonha do açoite,
foi a tua caridade, São Francisco,
que aos moços do Mosteiro ensinou este grito:

— “Deus oh Deus onde estás que não respondes?
Em que mundo, em que estrela tu te escondes
embaçado nos céus?”

A voz de CASTRO ALVES, rolando no infinito,
conseguiu arrancar dos troncos de granito
a raça carinhosa que embalou meu berço.

Esse canto ainda vibra a rolar pelo espaço:

“Senhor Deus dos desgraçados,
dizei-me vós Senhor Deus,
se é loucura ou se é verdade
tanto horror perante os céus? ”

E o eco despertado em Santo Amaro,
subindo ao céu sobre a garoa e o pó,
lavou em Sangue Limpo o verbo claro
do gênio singular de PAULO EIRÓ,
e erguendo em sua alma o culto e o altar,
nas Arcadas de lendas e de glórias,

BERNARDO GUIMARÃES contou histórias
e o romance deu alma nova a Alencar.

E o mesmo sonho de intenso amor ao mundo,
à luz do sol, à luz do gás, à luz da vela,
ergueu um templo de fulgor amplo e profundo
aos santos do parnaso e do soneto,
às *pombas* que se vão e ao *mal secreto*,
e ao poeta de *Nós*, no amor paulista,
como à rosa de amor purpúrea e bela,
de GUILHERME, de VICENTE e de RAIMUNDO.

Perpassam nas Arcadas a voz e a nostalgia
de tantos corações iluminados,
dos poetas menores, confinados
aos próprios sonhos de amor e de poesia
e em ruínas de sonhos enterrados.

E em verdade, vós outros que sois glorificados,
em clarões de presente e de saudade,

— SÃO MENOTTI DEL PICCHIA, SÃO CASSIANO,
fazei que nasçam poetas ano a ano,
para cantar-te as glórias, Faculdade!

Minha Academia, velho ninho de águias,
fonte esclarecida de ideal clarão,
já vinte anos antes mesmo da Rebública
mandaste teus filhos conduzindo o archote,
lúcidos pregoeiros da renovação.

E quando o Brasil, trêmulo e humilhado,
sem lei e sem rumo, ia escravizado
engulindo as lágrimas duma longa noite
sem o breviário da Constituição,
foi tua coragem, minha velha Escola,
que fez das Arcadas muros de defesa,
que tornou as taipas em fortins de guerra,
e pôs no teu peito o fanal da luta
do ânimo paulista a mostrar a senda
duma liberdade sem ser usurpada.

Os teus dois patronos foram teu exemplo,
pois foi SÃO FRANCISCO que te deu a fibra,
pois que foi SÃO PAULO que te deu a espada!

Hoje que estás rica, de pedra vestida
toda rendilhada qual noiva garrida
do São Paulo novo dos arranha-céus,
hoje que não dormes sob os longos véus
de névoa e de garoa do São Paulo antigo

de ruas estreitas e falar pausado,
 eu confio e espero em tua mocidade,
 que é a mesma sempre, minha Faculdade,
 pois Ruy, e Nabuco, e Rio Branco, e mil outros
 que deram à pátria um nome glorioso
 enchendo de luzes páginas da História,
 vão mostrando aos moços, por felicidade,
 que o teu nome sempre, minha Faculdade,
 é a melhor das rimas para Liberdade
 e a melhor das chamadas para o altar da Glória.

A Associação dos Antigos Alunos retorna à Academia

Após a sessão solene comemorativa do XI de Agosto, dirigiram-se todos ao segundo andar para inaugurar a nova sede da Associação dos Antigos Alunos.

Além dos convidados, estava presente toda a Diretoria da Associação, atualmente assim constituída: presidente de honra, Ministro PEDRO CHAVES; presidente, Dr. TRAJANO PUPPO NETO; Vice-Presidente, Dr. EDUARDO TELLES PEREIRA; 1.º secretário, Dr. PEDRO BRASIL BANDECHI; 2.º secretário, Dr. CLÁUDIO GÔMAR DE OLIVEIRA; 1.º tesoureiro, Dr. PAULO TEIXEIRA DE CAMARGO e 2.º tesoureiro, Dr. ALOÍSIO LACERDA DE MEDEIROS.

Retornavam, pois, os ex-alunos à sua velha Academia, após 25 anos de ausência, para ocupar a sala onde funcionou por muitos anos a Chefia Técnica da Biblioteca Geral, na parte sul do edifício que dá para a rua Riachuelo.

Já, então, em sua discreta mas acolhedora sede, ouviram-se as breves mas candentes palavras dos oradores.

Primeiro, o Sr. Diretor da Faculdade faz alusões às vantagens da permanência da Associação sob as Arcadas. Depois, o presidente da Associação, Dr. TRAJANO PUPPO NETO, reitera o agradecimento da Associação ao Diretor e considera a Faculdade e a Associação um todo inseparável, embora “aquela represente o momento, a transição e esta “a continuação, o prolongamento, a extensão da “Alma Mater”. Referiu-se à colação de grau como o “elo sentimental, forte e consciente que mantém os antigos alunos “jungidos à velha e sempre nova Academia”. E à vivência sob as Arcadas como estímulo constante em razão do legado cívico, científico e histórico dos grandes vultos que por aqui passaram.

Falaram também o desembargador ADRIANO MARREY JÚNIOR e o vice-presidente, Dr. EDUARDO TELLES PEREIRA que fez questão de salientar a atuação amigável e decisiva do Professor ANTÔNIO CHAVES e da Bel.^a DRINADIR COELHO, Assistente Técnico, para que se concretizasse o ideal dos ex-alunos de voltar à casa de onde jamais deveriam ter saído. Prestou homenagem, também, à figura simpática e amiga do antigo “ex-aluno” símbolo da Academia, Dr. EMÍDIO PEREIRA NETO, infelizmente ausente.

E foi assim, em ambiente de alegre confraternização de professores, ilustres personalidades, alunos, ex-alunos e funcionários da família acadêmica que se inaugurou a nova sala da Associação dos Antigos Alunos, onde, também, “se deixa a folha dobrada enquanto se vai morrer”

Palavras do Dr. Trajano Pupo Neto

Para nós, da Associação dos Antigos Alunos, hoje é o retorno ao lugar de onde jamais deveríamos ter saído.

A colação de grau não é o rompimento com o passado, agradável e estimulante, de lutas e de conquistas, durante o qual haurimos ensinamentos superiores e exemplos dignificantes. Muito pelo contrário. É o elo sentimental, forte e consciente, que nos mantém jungidos à “velha e sempre nova Academia”.

Que alegria estarmos de novo sob as venerandas, corajosas e indomáveis Arcadas, por onde passaram os mais notáveis e destemerosos vultos da História Pátria! Estimulados por exemplos tão dignificantes, saberemos honrar as nobres tradições desta Casa.

É preciso registrar, com os nossos profundos agradecimentos, que devemos à compreensão, ao estímulo e à decisão do Professor ANTÔNIO CHAVES, Digníssimo Diretor, a nossa reintegração à Academia, do “Território Livre do Largo de São Francisco”.

Só sob a égide do Direito encontra o homem o clima de liberdade capaz de levá-lo a viver com honra e dignidade. Para tanto, precisamos do apoio — que, estamos seguros, não nos faltará, de todos os nossos queridos colegas, antigos alunos, como nós. Somente assim, estaremos à altura da grandeza da obra que nos incumbe, como advogados e como cidadãos.

São Paulo, 11 de agosto de 1981.